

SAL

9332

48.100



7/8/68 SAL 9332.48.100

Chd

Borba Lima II, 227 "Very rare"  
Inocência V, 82 "É pouco vulgar...  
vi ha annos um exemplar na

HARVARD COLLEGE  
LIBRARY



BOUGHT WITH INCOME  
FROM THE BEQUEST OF  
HENRY LILLIE PIERCE  
OF BOSTON









# P O E M A S

OFERECIDOS

A O S

## AMANTES DO BRAZIL

POR SEU AUTOR

JOZÉ DA NATIVIDADE SALDANHA

*Natural de Pernambuco, e Estudante do Terceiro  
Ano de Leis na Universidade de Coimbra.*

---

*Pboebe, fave, novus ingreditur tua Tempia Sacerdos.*

TIBULL. L. 2. Eleg. 5.

---



COIMBRA,

NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE,

---

1822.

*Acacio Alfredo Ferreira de Saabro*

9332. 48. 100

*Não fazem dano as Musas aos Doutores  
Antes ajuda de suas letras dão.*

FERRERA.

*Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura,  
Quae legis hic; alitor non fit, Avite, liber.*

MARTIAL. L. 2. Epigr. 40.





## S O N E T O.

A Peçã toca o Promontorio ouzãdo  
Do Luzo Dias o baixel veleiro,  
Sombrio, espêso, denso nevoeiro  
Encobre o dia ao Nauta denodado.

Silva na enxarcia Noto dezatado;  
No mar baquêa eletrico luzeiro;  
Sôa rouco trovão, e sobranceiro  
Sobe Netuno em serras levantado.

Eis surge, eis s'ergue espectro pavorozo:  
« O' Luzo (trôa asim) é tempo; agera  
« Decerás de Netuno ao seio undozo.

Dizia ... (Orrendo abismo a náu devóra : )  
« Eis punido, ó Mortaes, o que vaidozo  
« Abriu primeiro os pênetaes da Aurora. »

*A Bartolomeu Dias.*

S O N E T O.

**F**inalmente, Vieira, illustre amigo,  
Morreste ás mãos da tizica funesta.  
O que resta de ti? Sómente resta  
Um frio corpo em tácito jazigo.

Dons, em que o Ceo foi liberal contigo,  
Não te salvarão da secúre infesta;  
Vibrou seus golpes A'tropos molesta,  
Sofreste sem delito atroz castigo.

O que foste, o que es oje estamos vendo;  
E a amizade fiel seus ais te envia  
Junto ao sepulcro, em que te vê jazendo.

Descansa em paz na sepultura fria:  
Ah! talvez que o Saldanha ao mal cedendo (a)  
Breve te faça eterna companhia.

*Ao Tenente Antonio de Padua Vieira Cavalcanti,  
Estudante do Terceiro Ano Matematico, e falecido  
a 4 de Julho de 1821.*

---

(a) O Autor estava então enfermo.

S O N E T O

**D**epois de aver contente, protestado  
Nunca mais, arpejar na branda lira,  
E á divina Camena, que me inspira  
Aver entregue o plectro auribordado :

Depois de ter o Pindo abandonado  
Onde abita o Pastor, que o Globo gira,  
O sacro entusiasmo não expira,  
Nem o Fêbéo calor tem moderado.

Um não sei que me impele com frequencia  
Para versos fazer, por mais que forte  
Opor-lhe intento umana resistencia.

Que farei? Eu não poso obstar á sorte:  
Quer que eu seja Poeta: paciencia;  
Sou Poeta, e serei até á morte.

## S O N E T O

**M**Arcia ! Marcia ! ai de mim ! está xegado  
 O momento cruel , que eu mais temia ;  
 Sinistro môxo , que a meu lado pia ,  
 A' longo tempo o tinha anunciado.

Já deixei o çurrão , e o meu cajado ;  
 Quebrei a doce franta , em que tangia ,  
 E o rafeiro fiel , que me seguia ,  
 Definhou ; definhou também meu gado.

Todo acabou ; e a negra desventura  
 Quer que os laços de amor a auzencia cõrte ;  
 Que eu deixe , ó Marcia , a tua formozura.

Cada que Fado cruel ! que imiga sorte !  
 En desespero , eu morro . . . O' Parca dura ,  
 Já que Marcia perdi , vem dar-me a morte.

S O N E T O

**D**Ebaixo desta pedra insulta, e dura  
Jaz de Pedro a consorte, Inez formosa;  
Jazem tambem com ella em paz ditosa  
A innocencia, a virtude, a formozura.

Não foi a causa desta morte escura  
Orrendo crime, culpa vergenhoza;  
Seu delito foi ser de um Rei esposa,  
Ser amada, e amar com fé tão pura.

As filhas do Mondego o caso infando  
« Longo tempo chorando memorarão »  
As madeixas sutis desentrançando.

O Mondego geméo : os Ceos troarão ;  
E os Amores dos labios se apartando  
As duras setas palidos quebrarão.

*A D. Inez de Castro*

S O N E T O .

A' Sombra deste cedro venerando  
Momentos mil gozaste encantadores ;  
Aqui mesmo asentada entre os verdores  
Te axou mil vezes Pedro suspirando .

Parece-me , que estou inda esbutando  
Teus suspiros , teus ais , e teus clamores ;  
Parece-me , que a fonte dos Amores  
Inda está de queixoza murmurando .

Aqui viveu Inez ! . . E reclinada  
A' borda desta fonte clara , e pura  
Foi ( que orrivel memoria ! ) traspasada .

Mórtaes ! gemei de mágoa ; e de ternura ;  
Nesta rara beleza não manxada ,  
Foi culpa amar , foi crime a formozura .

*Ao mesmo assunto feito de repente na Quinta das  
Lagrimas em 1820,*

## S O N E T O .

**O**s teus olhos gentis, encantadores,  
 Tua loira madeixa delicada,  
 Tua bóca por Venus invejada,  
 Onde abitão mil candidos amores :

Os teus braços, prizão dos amadores,  
 Os teus globos de neve congelada,  
 Serão tornados breve a cinza!... a nada!...  
 Aos teus amantes cauzaráõ errores!..

Ceos! e ei-de eu amar uma béeza,  
 Que á cinza reduzida brevemente  
 A'-de servir de orror á Natureza!..

Ah! mandai-me uma luz resplandeçente,  
 Que minha alma ilumine, e com pureza  
 Só ame um Deos, que vive eternamente,

S O N E T O .

**E**M vão, meu caro amigo, acautelado  
Pertendes ocultar no teu semblante  
A paixão, que te abraza o peito amante,  
A cauza dese amor talvez haldado.

Em teus olhos, e peito incendiado  
Flameja esta paixão onidomante,  
E onde estará occulto um só instante  
O filho de Mavorte, o Deus alado?

A engraçada, gentil . . . . .  
Formosa Ninfa, mais que Venus bela,  
É cauza dese amor, paixão divina.

Deixa, amigo; no amor não á cautela;  
Ama livre e gentil, que te domina,  
É teu gosto morrer, morre por ella.



## S O N E T O.

**E**Mpunha, ó Rei supreme, um cetro augusto  
 De teus claros Avós c'o sangue ardado ;  
 Cinge o Regio diadema não manjado,  
 Terror do Ganges, e do Idaspe susto.

O Geo, que te proteje, o Ceo, que é justo  
 Vestirá de ventura o teu reinado ,  
 E d'... , e ... o braço armado  
 Teu Reino escudará de Espana injusto.

Brando recebe o fendo respeitozo,  
 Que a filha de Agenor, Brazil jocundo,  
 Que o Luzo Algarvé ofrece prezuroso.

Reina, ó copia fel de João segundo :  
 Sóbe a um throno, que esteia o Ceo piedoso,  
 Prospéra ó novo Rei, o novo Mundo.

*A' Aclamação do Sr. D. João VI.*

S O N E T O S

**F**ilhos da Pátria, jovens Brasileiros,  
Que as bandeiras seguis do Marcio Name,  
Lembrem-vos Guararapes, e esse cume,  
Onde brilhárão Dias, e Negreiros.

Lembrem-vos eses golpes tão certos,  
Que ás mais cultas Nações derão ciume;  
Seu exemplo segui, segui seu lume,  
Filhos da Pátria, jovens Brasileiros.

Eses, que alveião campos, niveos osos  
Dando a vida por vós constante, e forte,  
Inda se prezão de xamar-se nosos.

Ao fiel Cidadão prospéra a sorte:  
Sejão iguaes aos seus os feitos vosos;  
Imitai vosos. Páes até na morte.

*A' Mocidade Pernambucana, que se alistou em o  
ano de 1817.*

## S O N E T O

SE no seio da Patria carinhosa,  
 Onde sempre é fagueira a sorte dura,  
 Inda lembras, e lembras com ternura,  
 Os meigos dias da união ditoza.

Se entre os doces encantos de que goza  
 Teu peito divinal, tua alma pura,  
 Suspiras por um triste, e sem ventura,  
 Que vive em solidão crúel, penoza.

Se lamentas com mágoa a minha sorte,  
 Recebe estes meus ais, ... amante,  
 Talvez nuncios fieis da minha morte.

E se mais nos não virmos, é eu distante  
 Sofrer da Parca dura o férreo corte:  
 « Amou-me, disse então; morreu constante.

S O N E T O

Saudades versos meus, que disterrado  
No tempo, em que negreja a noite escura,  
Vos cantei, sem alinho, e sem doçura  
Ao vibro do instrumento ao Letes dado.

Já que vos é propicio o duro Fado,  
E gozáes dos afagos da ventura  
Nas azas do pezar, e da amargura  
I'de na Patria dar saudozo brado.

Saudai os socios meus, por quem suspira  
Esta alma, que de angustias oprimida  
A's duras feras compaixão inspira.

Ah! Dizei-lhes com voz enternecida,  
Que eu affito cantando ao som da lira,  
Qual o Circo anuncio o fim da vida.

**S O N E T O.**

**P**alido o rosto, e passo vagaroso,  
Atado o còlo á estridula corrente,  
Caminha o semi-vivo delinquente  
Ao patibulo feio, e vergonhoso.

A cada passo prova o doloroso  
Golpe fatal da foice reluzente;  
E entre as ancias mortaes, que affito sente,  
Prevê o instante amargo, e lutozo.

Xega ao lugar em fim; ninguém socorre;  
Dos olhos se lhe falta a luz serena,  
E nas garras de algoz arqueira, e morre.

Ceosa que cena de orros! que infusta coma!  
Geme a Natura, que enlutada cobre,  
Folga a Justiça, que lhe impoz a pena.

*A um Rio de morte*

**S O N E T O.**

**S**Urdo á voz da razão, e da verdade;  
A dôr negando o natural tributo;  
Antolha o Réo feroz c'o rosto enxuto  
O lugar, que intimida a humanidade.

Roma o ensina, Roma o persuade;  
Porém não doma o coração corruto,  
Que do sangue da vítima poluto  
Adora o crime, préza a feridade.

Deixa Roma o perverso delinquente;  
Não te canases em vão pois a beleza  
Da virtude feliz não ama, e sente.

Deixa; e não te surprenda essa dureza;  
Não póde amar a lei do Onipotente,  
Quem não amou a lei da Natureza.

*Do mesmo assunto, não querendo o Réo confundar-se.*

## SONETO

**C**aros socios, desta alma luz, e vida,  
 Já do Porvir no pégo nebulozo  
 Vislumbra o dia infausto, e lutozo,  
 Em que o Ceo ordenou minha partida.

Os ternos ais, a triste despedida,  
 O extremo adeos tão triste, que xorozo  
 Na vaga fantazia o Fado iroso  
 Pinta com mão tirana, e dezabrida.

Paula! Regos! Amigos! Patria cara!  
 Oh! quem antes de dôr, de mágoa pura  
 Primeiro que deixar-vos acabára!

Porém se é tanta a minha desventura,  
 Juro-vos que a pezar da sorte amára  
 Ei-de amar-vos além da sepultura,

*Feito aos Srs. Francisco do Rego Barros, Sebastião  
 do Rego Barros, e José Francisco de Paula na retira-  
 da do A. para Coimbra.*

S O N E T O:

A Quela , que na flor da Primavera  
Ontem perpétua ser nos prométia ,  
Oje , quando mais bela parecia ,  
Ao golpe succumbio da Parca fera.

Sua alma , já vingando a azul esfera ;  
Vae o Nome buscar , que veste o dia ,  
E do corpo , que é terra , a terra fria  
Apezar dos amantes se apodera.

Que iluzas vives , necia fatimozura ;  
Pensando eternizar-te loucamente  
Se Nize bela vês na sepultura !

Não se evade ao cutélo um só vivente ;  
Corta c'o mesmo gume a Parca dura  
O mizero Pastor , o Rei potente.



**S O N E T O.**

**A** Mado filho meu, que nesa idade  
Empunhas lédo o cetro Lusitano,  
Conhece em mim, que o Mundo é vão engano;  
Que é nada o cetro, é nada a Magestade.

Da inexorável Parca a feridade  
Não distingue Pastor, nem Soberano;  
Prostra c'ò mesmo impulso desumano  
Amor, Constancia, Gloria, e Potestade.

Reis, e Vasallos, Servos, e Senhores,  
Tornão-se em breve tempo á cinza pura,  
-Servem de pasto á vermes roedores.

Ama o teu Povo: rege-o com ternura;  
Pois são Vasallos, Reis, e Imperadores  
Iguaes no berço, iguaes na sepultura.

*Na sentida morte de Sua Magestade a Rainha D.  
Maria I.*

S O N E T O.

**N**oite, noite sombria, cujo manto  
Rouba aos olhos mortaes a luz Febéa,  
E em cuja escuridão medonha, e fêa  
Mágoa inspira do môxo o triste canto.

Tu avêsa ao prazer, socia do pranto,  
Que rompe do mortal a fragil téa,  
Consóla um infeliz, que amor ancêa,  
E á quem mágoa é prazer, pezar encanto.

Vém, compasiva noite, e com ternura  
Recolhe os ais de uma alma, que suspira,  
Oprimida de angustia, e desventura.

Recebe os ais de um triste, que delira;  
De um triste, que embrenhado na espesura  
Suspirando saudozo arqueira, espira.

## S O N E T O.

É Amor, ó mortaes, inda menino,  
 Inda o láteo cristal de Venus ama;  
 Inda Mãe ternamente agora xama;  
 Porém já é cruel, feroz, malino.

É formozo o seu rosto pequenino,  
 Seus olhos são iguses á rubra xama,  
 Sua vista sómente abraza inflama,  
 Envenena stu beijo piperino.

É travêso, é astnto, é destimido;  
 É dos Deozes do Orbe o mais pequeno,  
 É deles q maior, e o mais temido.

Domina o que é Celeste, o que é terreno;  
 É doçura não sendo conhecido,  
 Conhecido porém letal veneno,

S O N E T O.

DE gloria xeio, se de pó tingido,  
Alardea o guerreiro furioso,  
Que lhe orna a frente, loiro sanguinoso,  
Na campina de Marte conseguido.

Pela xama de Fébo produzido  
Préza o metal o Rei ambicioso,  
Que recebeu fagheiro, e carinhoso  
De Adiméto o Pastor esclarecido.

Eu alardeio só a branda lira,  
Que nos campos orriveis de Mavorte  
Dando vida aos Eróes, aos necios tira.

É dos ómens diversa a triste sorte;  
O guerreiro perrece, o Rei expira;  
Só o Vate se esquivá á lei da morte.

## S O N E T O ;

Do Goidio Nume o fogo devorante  
 Inda não abrazou meu termo peito ;  
 Inda em mim não cauzou penoso feito  
 Do éneo carcaz a seta penetrante.

Não suspiro , não gemo adito amante ;  
 Não vivo ás leis orueis de amor sujeito ;  
 E vivo a não amar já tão afeito,  
 Que seu poder não temo Onidomante.

Não me póde mover formosa Dama ;  
 Seu rosto divinal jámais atea ;  
 Jámais acende em mim amante xama.

De uma paz salutar minha alma é xea ;  
 Não amou, não dezeja, em fim não ama ;  
 Com o douto Venuzo se recrea.

S O N E T O.

**Q**ual de Abrahão o mimozo decedente  
O sêco lenho aos ombros carregando,  
Que a soberba montanha caminhando  
Váe ser candida vitima innocente,

Asim, curvo do lenho ao pézo ingente,  
Em rubro sangue o ser evaporando,  
Ao suplicio mais barbaro, e nefando  
Caminha vagarozo o Onipotente.

Já, das forças viris destituido,  
Tóca de quando em quando a terra dura  
A mão, que vibra o raio tripartido.

Oh! poder milagrozo da ternura!  
Quer padecer um Deos sendo ofendido  
Para não padecer a creatura.

S O N E T O.

**EM** quanto sobre o cume onipatente  
Do bífido Parnazo delectozo  
Ao som da lira grato, e sonorozo  
Teus louvores entôa o Deos luzente:

Em quanto a Diva Muza alticante,  
Que te inspira um cantar melodiozo,  
Com a rama do loiro preciozo  
Te enriquece, te adorna a douda frente:

Eu, em candido Cisne transformado,  
Sobranceiro a uma fôrma tranzitória,  
A' morte sobranceiro, ao Tempo, ao Fado;

Vou, mimozo Cantôr das Muzas gloria,  
Estampar o teu nome celebrado  
Nos brilhantes altares da Memoria.

*Ao Sr. Antonio Joaquim de Melo.*

S O N E T O

**M**elo sonoro, Melo evidentemente,  
Cuja mente fecunda Apolo inflama,  
Cuja fronte encinnea, adorna, enrama  
De verde loiro crêa vicejante.

Oje, que este Paiz beligerante  
Revive xeio de esplendor, e fama  
Com os filhos Eróes, que o Mundo aclama  
No Templo da Memoria flamejante:

Toma a lira sem par, que o Mundo espanta,  
E aureas cordas ferindo brandamente  
Almos inos Dárcos entôa, e canta.

Da mente sólta a fulgida corrente;  
Sólta a cadente vez, que a tudo encanta;  
Canta o brio, e o valor da Pátria gente.

*Ao mesmo Senhor no dia anniversario da restaura-  
ção de Pernambuco.*



## SONETTO

Desprende, Aonío, a voz, que amor inspira,  
 Desprende a xama, que te abraza a mente,  
 Já que o Numen intonso te comente  
 Arpear na Venuza, encolsa lisa.

Ou tu cantes de amor, que a paz nos tira,  
 Ou do Nume vivaz, arripotente,  
 Tua lira feliz, teu som cadente  
 Iguala o do Pastor, que o Osbe gira.

Entôa o cãrmen, que te combe em sorte (a),  
 Não denegues á Patria, ao Ces querida,  
 Teu canto sabumzeiro no fernes córte.

Feliz Aonío! Sorte apetecida!  
 Tu inda ás-de viver depois da morte,  
 Eu depois dela não terei mais vida.

*Ao mesmo Senhor,*

---

(a) Alude a uma Ode, que ele se avia obrigado a compôr.

S O N E T O E

**C**Eos ! que silencio triste, que respira  
Da fêa morte na morada impura !  
De Fébo aqui não brilha a formozura,  
O dia é noite, a noite horror inspira.

Do fero Aquilles não flameja a ira,  
Oculta Mario negra sepultura,  
Curiacio, Anibal é cinza escura,  
Não canta Oracio, Ovidio não suspira.

Tudo é silencio, é taciturno tudo,  
Platão famoso, esse Orador de Atenas,  
Eloquencia não tem, jaz frio, e mudo.

Terrivel morte, á quanto nós condenas !  
Debaixo do teu cetro carrancudo  
Os gostos são iguaes, iguaes as penas.

S O N E T O

**D**A sagrada prisão, que nos unia,  
Companheiros fieis, rompeu-se o laço:  
Quanto o bem do mortal é sempre escaço!  
Quanto é fugaz a candida alegria!

Acabou-se a união: a sorte impia  
Nos veio separar por longo espaço;  
Acabou-se a união: sombrio, e baço  
Já nace Fébo, já desponta o dia,

Adeos, adeos, amigos; se entretanto  
Roubar-me a vida o meu cruel destino,  
A' quem não move sonorozo canto,

Saudai as cinzas do Cantor divino;  
Sobre a campa vertei saudozo pranto,  
E dizei suspirando: « Adeos Jozino. »

*Ao Sr. Francisco do Rego Barros no fim de um anno  
letivo.*

## SONETO

A Ceos turbilhões , corrente xama ,  
 -Linguagem não vulgar , que o Mundo enléa ,  
 Gloria nosa , Miguel , relampagués ,  
 Nas tuas Orações , que exalta a Fama.

Quando sóltas a voz , que a tudo inflama ,  
 Que arreбата , que enleva , e que recréa ,  
 Folga o Cee , dorme o vento , o mar baqués ,  
 Abrandá-se Plutão , que as trevas ama.

Sens tezoiras em ti os Ceos entornão ;  
 Do Lacio Tulio , do Piréo jocunde ,  
 As graças , e o candor teu peito exornão.

Tens , ó grande Miguel , genio faundo ,  
 Entre os Sabios , que a Patria , o Globo adornão ,  
 Olinda por Altar , por Templo o Mundo.

*Do Sr. Miguel Joaquim de Almeida e Castro, ultimo Orador.*

## SONETO.

Apenas oje o côco diamantino  
 Da Aurora bela o dia anunciava,  
 Despido o terreo manto eu adjeva  
 Ao sacro Templo do eficaz destino.

Ertilio consultei, Mago divino,  
 Que a sorte dos mortaes patenteava,  
 Se este dia feliz tambem estava:  
 Prêzo dos évos ao poder malicia.

Tres vezes a cabeça então menêo,  
 E alegre assim me dis: «Tão fausto dia,  
 « Que o Ceo namora, que o mortal recêo,

« Em rica fazo d'oito a Parca fia,  
 « E do monstro veraz, que Brôes golpea  
 « Refolga sobranceiro á foice impia.»

*Aos anos de um meu Amigo, o Sr. Francisco do  
 Rego Barros.*

S O N E T O.

**C**antor melifluo , Cisne Mantuano ,  
Que nas margens da fria Cabalina  
Vibrando o plêtro , alçando a voz divina  
Fazes lembrar o encantador Elmano ;

Genio Venuzo , Imagem do Tebano ,  
Que ergueu Tebas co'a lira perigrina ,  
Que no abismo , em que impéra Proserpina ,  
Domarás qual Orfêo o Deos Sumano :

Ah ! não cantes Jozino ; em o teu canto  
Não sõe o necio Vate , que suspira  
Sumergido em pezar , desfeito em pranto.

Canta o Gama , Ferreira , ao som da lira ?  
Os Colegas fieis modula em quanto  
Jozino suspirando arqueja , expira.

*Ao Sr. Manoel Ferreira Portugal.*

## S O N E T O.

**C**anta o Pastor na Patria, reclinado.

Em quanto o gado paze na espesura;

Suspira á borda já da sepultura,

O mizero da Patria desterrado.

Um no cazal paterno agazalhado:

Os mimos goza da fugaz ventura;

Outro xeio de angustia, e de amargura,

É da fêa desgraça bafejado.

Aquele no regaço da alegria,

Sem temer do cutelo o duro córte,

Não conhece o pezar, nem a agonia.

Este, persegue-o tanto a iniqua sorte,

Que para se alegrar em um só dia,

Que para ser feliz espera a morte.

S O N E T O.

**T**U, que libas gostozo a fonte pura,  
Onde se banha o Nume esclarecido,  
Caro Toledo, Cisne apetecido  
Nesta saudoza, rustica espesura:

Pragas em vão troveja, em vão marmurá  
Contra o teu nome o Tempo enoancido,  
Pois nas azas da Fama ao Ceo erguido  
Voa ao Templo feliz, que sempre dura.

O teu estro de loiros adornado,  
Sobranceiro do Tempo ao duro córte,  
A'-de ser no Porvir abençoado.

Que destino feliz! Que fausta sorte!  
Tu serás pelo Tempo respeitado;  
Eu não ei-de existir além da morte.

*Ao Sr. José Francisco Toledo.*



## S O N E T O.

A O. sacro Templo de Iminéo guiava  
 A Marcia bela Jonio carinhozo,  
 E de niveos jasmins festão mimozo  
 As frontes d'um, e d'outro engrinaldava.

Curvo Anciãó á porta os esperava,  
 E os conduziu ao Nume poderozo,  
 Que sobre um aureo trono luminoso  
 Aos amantes fieis as leis ditava.

Na pira divinal, que em xama ardia,  
 Metendo as mãos sem manxa modularão  
 Faustas preces, que o Numen lhes dizia.

Prostrados ao depois a fé jurárão;  
 E em sinal da aliança, que os unia,  
 As faces mutuamente se boijárão.

S O N E T O.

**S** Andozo bosque, rustica espesura,  
Que ouvís os meus lamentos dolorozos,  
Negros ciprestes, montes escabrozos,  
Não me negueis amiga sepultura.

Em fêa cova, abitação escura,  
Onde encontrão prazer os desditozos,  
Meus dias findaráõ, dias penozos,  
Bafejados da baça desventura.

Neste medonho abrigo sepultado,  
Tendo por socios môxos carpidores,  
Serei com minha morte afortunado.

Sobre a campa se lêa: « Aqui, Pastores,  
« Jozino está, Pastor desventurado;  
« Morreu de ingratidão, morreu de amores. »

## S O N E T O.

A Parca dos mortaes pavor, e susto,  
 Não me infunde terror, não me intimidá;  
 A gloria prézo mais, que a propria vida,  
 Morrer sendo fiel é doce, é justo.

O poder opresor, poder injusto,  
 A luzente secúre ao Ceo erguida,  
 O mar, a terra toda enfurecida  
 Não me acobarda, não, eu não me asusto.

Sobranceira ao temor, ao Fado, á Morte  
 Alma grande, que préza a singeleza,  
 Vé em paz o revez da iniqua sorte:

E em fogo divinal sómente aceza,  
 Quando a Parca lhe dá o extremo córte,  
 Diz com prazer *Adeos* á Natureza.

S O N E T O.

**D**A estrondoza trombeta o som tremendo,  
Que intimida, que aterra a humanidade,  
Anuncia o Juizo, a Eternidade,  
Do Mundo inteiro o ambito correndo:

Vém do Solio estelifero decendo  
Nas azas de celeste Potestade,  
Xeio de eterna gloria, e magestade,  
O Deos, que está dos Ceos a terra vendo,

Do vasto Jozafát no val ingente  
De Adão surgindo a próle do jazigo  
Se ajunta, se une á voz do Onipotente.

Surge do Averno o perfido inimigo ...  
Está o inferno aberto ... o Ceo patente ...  
Silencio, dize o mais, que eu mais não digo.

## S O N E T O.

**E**U deci á marmórea sepultura,  
 Onde Beliza fôra sepultada,  
 Ceos! que vi! cinza fria!.. terra!.. nada!..  
 Não vi beleza, graça, formozura.

A fulgurante mão de neve pura,  
 Que mil vezes por mim fôra beijada,  
 A rosêa face, a bóca delicada,  
 Já encantos não tem, não tem figura.

Eu xorava perdido o bem formozo,  
 Quando escuto uma voz enternecida,  
 Que saía do abrigo pavorozo:

« Vê ao que estou, Jozino, reduzida:  
 « Eis aqui o meu rosto gracioso,  
 « Eis o fim dos mortaes depois da vida.»

S O N E T O.

**E**M Setembro naci, no mesmo dia,  
Em que nasceu do Eterno a Filha pura ;  
Sube aos cinco fazer qualquer leitura,  
E aos dez anos a Muzica aprendia.

Aos doze uma rebeca eu já tangia,  
E mil versos compunha com doçura ;  
Aos quinze do latim tomei tintura,  
E aos dezoito estudei Filosofia.

Estudei com prazer Quintiliano ,  
Em Dezenho empreguei a mocidade,  
Quiz da sã Teologia entrar no arcano.

Eis, ó Rego, eis em que, Posteridade,  
Já tem gasto o Saldanha d'ano em ano  
Vinte, e dous anos, que oje tem de idade,

*Ao Sr. Cadete Sebastião do Rego Barros em 1818.*

S O N E T O .

**J**A' no roxo Oriente da existencia  
Entre lirios renace a Primavera ;  
Formosa , qual será , qual é , qual era ,  
Dos entes aviventa a extinta essencia .

Das arvores a grata efflorescencia  
Nos ternos peitos mil encantos géra ,  
No tedro venerando reverbéra  
Do imenso Deos , a imensa Onipotencia .

Salve , ó quadra gentil ! Eu te saúdo !  
Onrão-té a vinda as aves com seu canto ;  
Doce murmura o rio outr'ora mudo .

Brilhão os prados de mil flores xeios .  
Só eu , quando o prazer abrange a tudo ,  
Vivo entre sustos , vivo entre receios .

S O N E T O.

**D**Os Nomes, dos mortaes, amor, encanto,  
Paulo! Virginia! O' par, eu vos saudo!  
Amavel Natureza! Eu verto mudo,  
Tuas leis adorando, acérbo pranto.

Dias, mimos do Ceo, do Mundo espanto,  
Disipárão-se: Amor, tu perdes tudo!  
Tu déste a morte á Bruto, á Eitór membrudo,  
Junto ás margens, que réga o brando Xanto.

O Ceo, o Amor unio vosa ternura;  
Fosteis no Ceo de Amor faróes brilhantes,  
Oje sois ( ó desgraça! ) cinza pura.

Crecei, dai sombra, ó palmas vicejantes!  
Almas ternas, saudai na sepultura  
Dnas Mães, dois escravos, dois amantes,

*A leitura da Novela = Paulo, e Virginia = me  
forçou a compôr este Soneto.*



S O N E T O.

Vém, ó môso tardio, vêm depressa  
Trazer-me esa botelha do alto Doiro;  
Traze murta xeiroza, traze loiro,  
Pois eu quero enramar esta cabeça.

Vám ligeiro, ó mancebo, não te esqueça  
A do velho de Teios lira d'oiro.  
Báco! Báco! Evoé! Que fausto agoiro!  
Já novo estro a brilhar em mim começa.

Salve, ó Numen tirsigeropotenté!  
Vá mais esta botelha e que ventura!  
Que gosto, ó caro amigo! Estás contente?

Ora sus bebe ao Doiro a ambrozia pura;  
Quem ama Litiléo pezar não sente,  
Nem recêa da Parca a foice dura.

*A uns anos.*

S O N E T O.

M O T E.

*Nova guerra me faz teu gesto brando.*

G L O Z A.

**J**unto ás áras do Nume , que troveja ,  
Que o Mundo fez brilhar c'um leve acéno,  
Inda aqui , Abaillard , suspiro , péno ;  
Inda Eloíza unir-se a ti dezeja.

Trávão dentro em meu peito ardua peleja  
O amor celestial , o amor terreno ;  
Ora em pranto banhada amor condeno,  
Ora a graça , que amor vencer forceja.

Se com trémula mão ao Ceo ofreço  
Xeirozo incenso , cantos entoando ,  
Parece extinta a xáma , em que pereço.

Eu me creio feliz . . . ó Ceo ! mas quando  
Minha alma te afigura . . . Eu te conheço . . .  
Nova guerra me faz teu gesto brando.

*Mote dado, e glozado de repente n'um Oiteiro em  
Santa Clara,*

---

## ODE PINDARICA.

*A' André Vidal de Negreiros, natural  
de Pernambuco, e seu Restaurador  
em 1654.*

---

*Dos nascidos direi na nossa terra,*

CANÇÕES. Lus. Cant. 6.

---

*Strofe 1.*

**E**U (mil graças ao Ceo!) se em largos campos  
Não aro, não semeio  
Com malhados bezerros trigo loiro,  
Pedindo ao Vate Argivo a lira d'oiro  
Semeio nas campinas da Memoria.  
Canções credoras de perpetua gloria:

*Antístrofe 1.*

As redeas toma do Cantor do Ismênt ,  
Muza canora , e bela ,  
Ignivomos etontes atropela ,  
Guia a tua carroça luminosoza  
Ao bipartido cume ;  
Os Cantores do Pindo , que emudeção  
Ao teu imperio os Astros obedeção.

*Epódo 1.*

E mais ligeiro  
Do que o ribeiro ,  
Que acelerado  
Discorre o prado ,  
Serpenteando ,  
Váe tu levando  
O teu carro á azul esfêra  
Onde Fébo só impéra.

*Strofe a.*

Fuja o profano vulgo ineto , e rude  
Para ouvir os Misterios ,  
Que o altiloquo Vate patentêa ,  
Quando alegre bebendo a clara véa

Da encantadora , diva Cabalina ,  
Troca a vida mortal pela divina)

*Antistrophe 2.*

Oh monte ! oh monte ao vulgo inacesivel ,  
Onde floréa Apolo !  
Quem , do etonte domando o bravo cólo ,  
No teu cume fuzila brando canto ,  
Quem cinge a douta frente  
Póde afoito dispôr da umana sorte ,  
Dar vida ao sabio ; dar ao necio morte.

*Epódo 2.*

Se o grande Oméro  
De Aquíles féro ,  
Que Eitór procura ,  
A paixão dura  
Não arpejára ,  
Ná linfa amára  
Dese lago celebrado  
Jazeria sepultado.

*Strofe 3.*

Se tórvos sopezando invíta lança ,

O' Muza , não podemos  
No campo sanguinozo de Mavorte  
Espalhar de uma vez terror , e morte ,  
Podemos , fulminando excelsos ínos ,  
Dos umanos mortaes fazer divinos.

*Antistrophe 3.*

Levemos dos Eróes Pernambucanos  
A rutilante gloria  
Ao Templo sacrosanto da Memoria:  
Não deixemos em mudo esquecimento  
Tantos Varões famosos ,  
Que da inveja a pesar em toda a idade  
Entregarão seu nome á Eternidade.

*Epódo 3.*

Asim de Roma  
A gloria asoma ,  
Que do Latino  
Em som divino  
Relampaguêa  
De graça xêa ,  
Quando fere a doce hira ,  
Por quem Orion suspira.

*Strofe 4.*

Porém, ó Muza bela, o carro volta  
Aos altos Guararâpes,  
Neles procura o forte Brasileiro,  
Tigre sedento, Lobo carniceiro,  
Que dardejando a espada em dura guerra;  
Faz tremer ao seu nome o Mar, e a Terra.

*Antistrofe 4.*

Ante os muros de Troia fumegantes  
Pélides furioso  
Pela morte do amigo belicozo  
Mais estragos não vibra, nem ruinas;  
Nem o Aquilão fremente,  
Que, o pégo marulhozo revolvendo,  
Váe montanhas de espuma ao Ceo erguendo.

*Epódo 4.*

Brava procéla  
Tudo atropéla;  
Ao Belga forte  
Fulmina a morte:  
E o meu Negreiros  
C'os Brasileiros

D

( 50 )

Augúra xeio de gloria  
Em seus brios a vitoria.

*Strofe 5.*

Por cem bôcas de fogo devorante ,  
Volcão impetuezo,  
Vomita o bronze atoador , e forte ,  
Por entre denso fumo a negra morte ;  
E o nitridor ginete atropelado  
Respira fogo em sangue misturado.

*Antistrofe 5.*

O vibrado corisco tripartido  
Pela dextra divina ,  
Ou subita estalando oculta mina ,  
Tão rapida não é , nem tão ligeira  
Como o noso Camilo ,  
Que leva enfurecido ao marcio jogo  
Fogo no coração , nos olhos fogo.

*Epódo 5.*

Prova , ó tirano ,  
Pernambucano  
Valor preclaro ;



( 51 )

Negreiros caro  
Consegue o loiro  
De Eróes tezoiro,  
Conservando a invicta espada  
No teu sangue inda banhada.

*Strofe 5.*

Será preciso ; ó Muza, que sigamos  
O Eróe á toda a parte ?  
Que ao Rio grande vamos, e á Baía,  
Onde calcou Vidal a força impia  
Do tirano Olandez, que ao seu aspeito  
Sente o sangue gelar no duro peito ?

*Antistrofe 6.*

Descansemos do claro Paraiba  
Na margem abundante,  
Onde brinca Favonio susurrante ;  
Brilhe tambem na vasta redondeza  
Esta illustre Cidade,  
Patria feliz do impavido Negreiros,  
Terror do Belga, amor dos Brasileiros.

( 52 )

*Epódo* 6:

Porém em tanto  
Súspende o canto ;  
Do teu auriga  
A' dextra amiga  
Confia o leme ;  
O Cisne teme,  
Que, do Eróe cantando a gloria,  
Talvez lhe manxe a memoria.

---

## ODE PINDARICA.

*A' D. Antonio Filipe Camarão, natural  
de Pernambuco, e seu Restaurador  
em 1654.*

---

*Fiel à Patria, ao Principe, aos amigos  
Acaba, como vive.*

GARÇÃO.

---

*Strofe 1.*

**D**Ulcisono instrumento,  
Que de claros Eróes levaste o nome  
Ao alto Firmamento,  
Quando o Cantor do Ismeno  
O pletro audaz vibrava ;  
Eléva agora ao Templo da Memoria  
Novo Eróe, que brilheu no Ceo da Gloria;

*Antístrofe 1.*

De sãcro entusiasmo arrebatado  
 Além da umana esfera,  
 O Argivo Cisne em metro não ouvido  
 Celebra o combatente,  
 Que o bravo Corredor domou valente;  
 Ou nos Pitios combates valerozo  
 O triunfo colheo vitoriozo.

*Epódó 1.*

No Pégazo correndo o vasto campo  
 Dos nobres feitos do Brazilio Marte,  
 Vou colher sem demora  
 Flores em toda a parte,  
 E tecer-lhe depois em Dirce bela,  
 Ao brilhar do meu canto, uma capela.

*Strofe 2.*

D'entre farga espesura,  
 Ouvindo a voz da Patria, a quem oprime  
 A tirania dura,  
 São Viriato forte,  
 Invito Luzitano,  
 E clamando vingança, e liberdade,  
 Resôa a voz na etérea imensidade.

*Antístrofe 2.*

Qual da Sicilia o monte pavorezo,  
Que, xámas vomitando,  
Entre nuvens de fumo tudo abraza;  
Qual Bóreas furibundo,  
Que, aberta a porta ao carcere profundo,  
Com estampido atroador soando,  
Váe as altas montanhas abalando.

*Epódo 2.*

Tal Viriato, a Patria defendendo,  
O Quirino soberbo desbarata;  
E, Tigre furiozo,  
Fere, atasalha, e mata:  
O Imperio Quirinal ao vê-lo geme,  
De susto xeio o Capitolio treme.

*Strofe 3.*

O Camarão potente,  
Indio famoso, illustre Brazileiro,  
Negro Aquilão fremente,  
É dest'arte, que busca  
O Batavo em Goiana;  
E, um dia inteiro em orrida batalha,  
Xovendo mortes, o inimigo espalha.

*Antístrofe 3.*

**Tanto** valor não tem, constancia  
 O grande Eróe Troiano,  
**Quando** montado no veloz ginete  
 Pela Patria peleja;  
**Troveja** mortes, danos mil troveja;  
**Brilha** o ferreo pavez auribordado,  
**Acoita** as ancas o cocár doirado.

*Epódo 3.*

**Patroclo** denodado, que atrevido  
**Ante** os muros Troianos aparece,  
 Cedendo ao braço duro,  
 Sucumbe, desfalece;  
**E o bravo** Eróe, inda a pezar dos anos  
**Marxa** na frente dos Eróes Troianos.

*Strofe 4.*

O Sipião famoso,  
**O Belga** em Santo Amaro derrotando,  
 Cinge o loiro ditozo.  
 Seu aspeito anuncia  
 A fugida, ou a morte:  
**De um lado** á outro qual peloiro vóa,  
**Sôa** a vitoria quando o bronze sôa.

*Antístrofe 4.*

Mais velozes não forão na Sicilia  
 De Pompêo os triunfos,  
 Que avasalou inúmeras Cidades  
 Com desumano estrago :  
 Nem do Eróe, que de gloria enxeo Cartago,  
 E que, sendo o terror da invicta Roma,  
 Flaminio, Sipião, Marcelo doma.

*Épodo 4.*

Não póde estar em ocio descansado  
 O Eróe, á quem Mavorte inflama o peito :  
 Na itástre Paraíba  
 O Olandez é desfeito ;  
 Cunhaú, onde o Belga é triplicado,  
 Vê Camarão, e o Belga sujugado.

*Strofe 5.*

Sobre teu alto cume,  
 Erguido Guararápe, altivo monte,  
 Qual fulgarante lume  
 Por Jove derdejado,  
 Brilhar tambem o viste ;  
 Quando todo em furor, desfeito em ira,  
 Vingança, e liberdade só respiras.

*Antístrofe 5.*

Quanto é grato sustar da Patria cara  
A fugitiva gloria!  
Deste modo se alcança no Futuro  
Cubiçozo renome,  
Que o Tempo estragador, jámais consome;  
É credora de inveja, é feliz sorte  
Pela Patria acabar com doce morte.

*Epódo 5.*

Agora, Muza minha, em Porto calço  
Colheremos a flor mais fresca, e bela,  
Que á-de ornar da Guerreiro  
A brilhante Capela;  
Escape de uma vez o Eróe famoso  
Do cégo Tempo ao ferro sanguinozo.

*Strofe 6.*

Vibrando a longa espada,  
Ao lado marcha do Brazilio Espozo  
A nobre Esposa amada.  
No campo dos Troianos  
Camila furioza,  
Voando sobre a grimpa da seára,  
Mais triunfos á morte não prepara.



*Antistrophe 6.*

Asoberbão o Batavo nefando ,  
O quente sangue espuma ;  
Qual Belga foge, qual Brazilio fere ;  
Quem evita o Mavorte  
Na espada feminil encontra a morte ;  
Ambos assim cobertos d'alta gloria  
Alcanção do Olandez clara vitoria.

*Epódo 6.*

Brazilio Camarão , Indio Mavorte ,  
Recebe com prazer esta Capela ,  
Que te consagra o Vate ;  
Com ella adorna a frente ;  
E da Fama loquaz no excelso Templo  
Aos futuros Eróes dá nobre exemplo.

## ODE PINDARICA.

*A' Enrique Dias, natural de Pernambuco,  
e seu Restaurador em 1654.*

---

### *Strofe 1.*

**N**Aõ poso , Egregio Enrique , em larga cópia  
As lagrimas da Aurora oferecer-te ;  
Nem de marmor luzente  
Padrões eternos contra o Tempo erguer-te ;  
Porém ao som do plectro , que desfiro ,  
Com aureo canto eternizar-te poso :  
Dom de maior valia ,  
Que cem colunas da opulento Efiro.

### *Antistrofe 1.*

Quando no Olimpio circo ,  
Não mortal , todo Nume , o Argivo Cisne  
Da atropelada boca

( 61 )

Novos vibrava audaciosos ínos,  
Quanto a rival Corina  
Raivava de escutar-lhe a voz divina!  
Quanto o mesmo ginete, que a vitoria  
Conseguio ao Senhor, se enxêo de gloria!

*Epódo 1.*

Nem só de Ilio bateu Netunios muros  
O indomavel Aquiles,  
Quando em torno correu do Argivo campo,  
Largo ribeiro, o sangue de Patroclo:  
Nem o velho Nestor, que onrara Pilos,  
Transpoz sómente á vida o curto espaço.

*Strofe 2.*

Oh! mil vezes ditozo, o que da lira  
Tirando sons, milagres de harmonia,  
Que o Pataréo inspira,  
Rouba os Eróes do Tempo á foice impia!  
Ditozo, o que n'um frio esquecimento  
Não deixa sepultar a Patria gloria!  
Assim Camões divino  
Ergueu-te, ó Gama, eterno monumento.

*Antístrofe 1.*

Asim outr'ora Elpino,  
Atropelando os Évos fugitivos,  
Da imensa Eternidade  
As bíficos abrio formozas portas.  
Quanta d'ali rutila  
Brilhante gloria em Azamor, e Arzila!  
Viste de novo Adamastor ferrenho  
Sulcar teus mares Luzitano lenho.

*Epódo 2.*

Qual furor divinal de mim se apósa!  
Que sacro entusiasmo  
Em grosos turbilhões me asalta á mente!  
Onde me elevas impeto divino!  
Oh Pasado! Oh Futuro! Eu vejo tudo,  
Abrem-se os penetraes aos meus acentos.

*Strofe 3.*

Enrique! Lá me asoma em densa tréva  
Do féro Belga a alta trínxeira invita!  
Que clamor, que se eleva!  
Que terror nos cercados, que se excita!  
O bipene cutelo a Parca afia

No fuzilo dos elmos, das espadas;  
Troa o bronze inflamado,  
Que em xuveiros a morte despedia.

*Antístrofe 3.*

Como de balde intentas,  
Belga soberbo, te esquivar ao raio!  
Como! .. Já se arremêsão  
Altas escadas ás trinxeiras altas;  
Já tremúla a primeira  
Sobre as muralhas Portuguez bandeira;  
Já curvas, Olandez, com Fado escaso,  
A altiva fronte do Africano ao braço.

*Epódo 3.*

Freme na Estancia o belico Mavorte  
Fulminando ruinas.  
Lá Dias aparece . . . ah! quão azinha  
Foge ao vê-lo a Batavia atrocidade!  
Asim de Eitôr fugia o Grego imbéle,  
Que as muralhas de Troia acometia.

*Strofe 4.*

Que confnzão, ó Muza, que alarido!

O Ceo se encobre de negrume orrendo !  
Que estrondo nunca ouvido !  
Que sangue pela terra váe correndo !  
Que é isto !.. Mas lá sôa ... « O Belga forte ,  
« Nas Salinas fugir em vão intenta ;  
« Enrique os atropéla ,  
« E á seu lado se espraia a negra morte. »

*Antistrophe 4.*

Tal do Eróe de Cartago  
Fugia á vista a Quirinal coorte ;  
Quando em Tresbia valenté.  
O Consul atrevido derrotára.  
Tal foge temerozo  
Do açor cruento á garra furibunda  
O aerio bando de mimosas pombas.  
Tanto do Eitór Brazilio asusta o braço !

*Epódo 4.*

Como lá foge ao ve-lo nas Tabocas  
O Batavo medroso !  
Como sem côr , sem vida , espavorido ,  
De susto xeio , no Afogado foge !  
Como tresúa navegando os mortos  
Na fêa Barca o sordido Caronté !

( 65 )

*Strofe 5.*

Guararapes ! abaixa o nobre cume ;

O illustre Sipião lá váe sobindo.

Que nunca visto lume

Da fulgurante espada vem saindo !

Relinxa o nitridor atropelado

Sangue, e fogo no freio mastigando ;

Lá sôa !.. lá começa

Dos peloiros o estrondo repetido.

*Antistrofe 5.*

Qual do cavallo vòa ,

Qual sem cabeça corpo váe rolando ,

Qual decepado braço ,

Inda trêmendo aperta a quente espada ,

Qual sem dono ginete

Piza , e repiza galopando o campo ...

Lá dá costas o Belga lá procura ...

Nas densas matas o mesquinho abrigado

*Epódo 5.*

Muza ! .. porém já basta , descansemos

Um pouco a lira d'oiro ;

E entretanto conheça o Mundo todo ,

Que entre o remoto Povo Brasileiro

Tambem se crião peitos mais que humanos ,

Que não invejão Gregos , nem Romanos.

E

---

## ODE PINDARICA.

*Ao Mestre de Campo Francisco Rebelo ;  
xamado pela pequenez de seu corpo  
o Rebelinho, natural de Pernambuco,  
e seu Restaurador em 1654.*

---

*Dignum laude Virum Musa vetat mori.*

ORAT.

---

*Strofe 1.*

**B**Razileiros ! . . de novo afino a lira,  
E o Nume de Patara,  
Que os lizongeiros Vates não inspira,  
A minha mente inflama.  
Teci-me nova crôa,  
Filhas do Ceo, Razão, Ingenuidade ;  
Pois agora acordando  
A' lira Brazileira os sons Argivos,  
Vou estampar o nome  
De Rebelo imortal na Eternidade.



*Antistrophe 1:*

Já da Apolinea fama  
Aceso turbilhão me dece ao peito !  
Como um tópel de ideas magestozas  
A mente me confunde !  
Eu vejo, eu não me engano, o Delto Nume,  
Que aos ouvidos me entôa altivos inos :  
O' Pindaro ! esmorece ;  
Tu já tens um rival no athor da Patria,  
No canto, que aos Eróes dá nome, e vida.

*Epódo 1.*

Longe de mim o vulgo boquiaberta,  
Que não pôde escutar os sons cadentes,  
Que o Vate desencerra ;  
Longe de mim a turma aborrecida,  
Que á Lirica não sóbe, e que derrama  
Versos sem alma, e só no nome versos ;  
Longe, socios de Mevio, e não de Elpino,  
Não de Filinto, Coridon, e Alfeno ;  
Meiga pomba ululante  
Não segue os vós da ave do Tonante,

*Strofe 2.*

**Vem , Aonio , á meu lado ouvir meus inos !**  
**Vem aprestar-me a lira ,**  
**Que oje tem de troar com sons divinos ,**  
**Quaes Djiniz , que nos guia ,**  
**Ontr'ora modulára ;**  
**Vem comigo cantar , deixa de parte**  
**A arrufadiça Ulina.**  
**Se devemos á Patria a nosa vida ,**  
**Demos-lhe a nosa fama ,**  
**Demos vida aos Eróes , que á Patria a derão.**

*Antistrofe 2.*

**O' vós sombras divinas ,**  
**Manes de Enrique , Manes de Negreiros ,**  
**As campas sacudi , erguei a frente**  
**Para escutar o Cisne ,**  
**Que roubou voso nome ás mãos do Letes.**  
**Exultai ! Novo Eróe váe ombrear-vos**  
**Sobre as azas da Fama.**  
**Teve parte comvosco nos perigos ,**  
**Váe ter comvosco seu quinhão na gloria.**

*Epódo 2.*

Qual de Roma o guerreiro, que inda joven,  
Emulando de Marte a valentia,  
    Venceu Numancia féra,  
Cartágo derrotou, deu leis ao Mundo,  
Foi doce á Patria, orrível ao inimigo :  
Qual Condé, cujo nome portentozo  
Faz de Alcides lembrar os nobres feitos,  
E que, quando voava ao Marcio campo,  
    Levava no seu braço  
O augúrio não falível da vitoria :

*Strofe 3.*

Rebelo ásim desfeito em xama, em ira,  
    A' toda a parte vóa,  
E onde asoma valor, audacia inspira.  
    Treme de ouvir-lhe o brado  
    O Belga esmorecido.  
Tu, Santo Amaro, o viste, quando inermé  
    Provocando o inimigo,  
C'a espada trevejou raios de mortes,  
    E, Ercules imitando,  
Rouba a vida á um Anteu c'os rijos braços.

*Antistrophe 3.*

Foge o Belga medroso ;  
 Foge á vista do Eróe ; porém aonde  
 Póde escapar ao raio ? O Eróe o segue ,  
 Asoberbando tudo.

Nada lhe embarga os pasos , nada o prende ;  
 Xameja , espuma , brame , os campos táta ,  
 Desmorona os redutos ;

E de sangue , e de gloria , e pó cuberto ,  
 Entre impios osos caros osos piza.

*Strofe 3.*

Mazurépe ! Já vóa em teu socorro ,  
 Dos olhos sintilando fogo ardente ,  
 Sedento do inimigo ,  
 O Eróe á cuja fama é pouco o Mundo  
 Já !.. Que orror ! entre fumo , entre alarido ,  
 Xove o bronze mortifera granada ;  
 Cruzão lanças , a óste se derrama ...  
 Exulta , ó Mazurépe ! O Belga cede ,  
 Ante o Brazilio raio  
 Tudo é pó , tudo é cinza , tudo é nada .

*Epóda 4.*

Novo campo de gloria se ofereço  
Ao Brasileiro Tigre :  
Sigismundo a vingar-se lhe apparece.  
O' Belga desgraçado !  
Porto-Calvo famoso  
Por tres vezes te vio deixar-lhe o campo ,  
Quando Rebelo forte,  
A dextra o raio , o terrorismo á frente,  
Impavido asomando ,  
Tudo era pouco a saciar-lhe a furia.

*Antistrophe 4.*

Asim o antigo Persa ,  
No esquadrão numerozo confiando ,  
Aos da Grecia guerreiros se apresenta ;  
Asim Flaminio bravo  
A' gloria de Cartágo , ao fero Anibal ;  
Tal em Neméa os bravos Sicianos  
A' Pericles se oferecem ;  
Asim nas margens ferteis do Garona  
A aguia soberba foi lançada em terra ;

*Epódo 4.*

**Taparica infeliz em ti devia**

Com a morte croar tantas vitórias.

Peloiro penetrante,

Rompendo o peito forte, foi beber-lhe

As fumantes entranhas inda quentes ;

E envolvido em troféus do seu triunfo

Na campina Mavorcia teve a morte.

Porém quando se xega ao Ceo da gloria

A existencia é pezada :

Assim Turena sobre o campo expira.

*Strofe 5.*

**O' Patria minha, e d'ele ! enxuga o pranto ;**

Morreu ; mas libéttou-te ;

E de novo revive no meu cânto.

Inda oje a sombra sua

Te cerca a todo o instante,

E c'os olhos em ti, assim te brađa :

« Exulta, ó Pernambuco,

« Dei a vida por ti ; foi doce a morte ;

« Não te falta o meu braço,

« Tu genios inda tens, que me asemelhão. »

*Antistrophe 5.*

O' Jovens Brasileiros,  
 Decendentes de Eróes, Eróes vós mesmos,  
 Pois a raça de Eróes não degenera,  
     Eis o voso modelo;  
 O valor paternal em vós reviva;  
 A Patria, que abitaes, comprou seu sangue,  
     Que em vosas veas pulsa;  
 Imitai-os, porque eles do sepulcro  
 Vos xamem com prazer seus caros filhos.

*Epódo 5.*

Asim em Roma o brio dos Oracios  
 Nos recém-nados filhos vegetava;  
     Asim o egregio sangue  
 Em Termopilas dura derramado  
 Antolhava em seus filhos vingadores:  
 Tomai deles o brio, a força, a manha;  
 Sêde sempre fieis á Patria cara;  
     Vós sereis Brasileiros;  
 Sereis Pernambucanos verdadeiros.

## O D E.

*Ao Ilustrissimo e Reverendisimo Senhor  
Francisco Moniz Tavares, Deputado  
às Córtes pela minha Provincia, e meu  
Amigo.*

---

**A**lmo Sol, que no plaustro de topazios  
Abres, e feixas com teu rosto o dia,  
E nos Reinos da maga Natureza  
Derramas doce influxo,

O teu curso acabou. Já no Zodiaco  
Dos doze Socios as moradas viste;  
E hoje vás' outra vez o mesmo sempre  
Recomeçar teu giro.

Mais rapido, que o raio sintilante,  
Enxeste alfim tua anual tarefa;  
Foi-se um ano contigo, e já não resta  
Esperança de vê-lo.



Submergido no pélago da tempo,  
Absorvido no váo da Eternidade,  
Té da sua existencia a imagem fraca  
Resvála da memoria.

Não brilha na estação da meiga Flora  
Rubro junquillo, pálida violeta,  
Senão para murzar, ai! caro amigo,  
Talvez antes da noite.

Eu mesmo, que oje escrevo, em poucos anos,  
Nem as Ninfas do placido Mondego,  
Nem as faias do Patrio Beberibe,  
Escutarão meu canto.

Nosa vida, Monia, semella o ano;  
Temos Verão, Estio, Outono, Inverno;  
Mas voltão Estações, e os nosos dias  
Nos fogem para sempre.

Após o Inverno vem a Primavera,  
Vem após esta abrazador Estio,  
E vem depois de frutes coroado  
O pomífero Outono.

O primeiro momento da existencia  
É o paso primeiro para a morte;  
Aparece o seu fim, sem nós sabermos  
Se avia começado.

A' tudo estêde, o Tempo o seu imperio ;  
E asim como acabou Cambises, Xerxes,  
Babilonia acabou, e oje Palmira,  
É montão de ruinas.

A mente me afigura, que te vejo,  
Volney, illustre. Vate! aí sentado,  
Palpando os restos da Real Cidade,  
E interrogando as sombras.

Constante em suas leis, a Natureza  
Nos faz iguaes no berço, e sepultura;  
E só grandes ações podem lembrar-nos  
Na memoria dos omens.

Asim vivem Washington, e Franklin;  
Asim vives, ó Páe da Pensilvania,  
Cujo nome não póde sem ternura  
Ouvir a humanidade.

Eis, meu caro Moniz, os teus modelos;  
Segue seus pasos, como já tens feito:  
Tu tens seu coração, tu tens seu genio ...  
Terás a mesma sorte.

---

O D E.

*Ao Senhor Antonio Bento Pereira Anes  
Barreiros, Estudante do Terceiro Ano  
de Leis.*

---

*Le doux Printemps revient, et ranime à la fois,  
Les oiseaux, les zéphirs, et les fleurs, et ma voix.*

LES JARDINS Ch. 1.<sup>o</sup>

---

I.

**R**Enace a Primavera,  
E os campos, em que outr'ora apparecia  
Em luto a Natureza,  
De flores se matizão:  
Brota o junquillo, a candida agucens,  
Surri nas margens bemnequer doirado.

2.

Que suave perfume  
Derrama a violêta, a fresca roza !  
O sentido jacinto  
Parece que se esconde,  
E no calis do lirio vergonhozo  
Brinca Favonio, que ibernou té gorá.

3.

Lança, ó quadra risonha,  
Teus influxos na terra mal enxuta;  
Tudo contigo vive:  
Tudo sem ti perece.  
Ah! quando voltas, quando influes benigna,  
Çada campo um jardim, um Ceo o Mundo.

4.

Quanto xove de encantos,  
Que a vista prendem, que embriagão a alma !  
Os incensos da Arabia,  
O Cinamomo, o balsamo,  
Não é tão grato ao Arabe insofrido  
Quando divaga nos sertões, que abita.

5.

Déce estação primeira, (a)  
Déce do seio da argentada nuvem. (b)  
Como, déces formosa  
Doce manhã do ano! (c)  
Quem me dera o pincel do Elvecio Mosco (d)  
Para em rozeo painel traçar teu quadro!

6.

Mas que fado inimigo  
Esta minha iluzão disipa agora,  
Quando o Ceo me oferece  
A taça das delicias?  
Quem me rouba á minha alma a paz-interna,  
A ventura maior, que almeja o Mundo? (e)

7.

Eu penetro o misterio;  
Falta á minha alma o gozo da amizade;  
Tudo é gosto com ela;  
Tudo sem ella é pena.  
Nacem os omenç para amar-se todos,  
E quem não ama, a Natureza ofende.

8.

Goza , amigo , em sobego  
 Os prazeres , que espalha a Primavera ;  
 E junto ao Véz , ou Lima ,  
 Que já no leito corre , (f)  
 Onde outr'ora geméo d'Aleido a lira , (g)  
 Alcido , a gloria dele , a gloria nosa ;

9.

Ouve as magicas vozes  
 Da sensivel , queixoza Filomela ,  
 Quando Fébe disposta  
 Por detraz dos Oiteiros.  
 Ei-la no carro d'ebano estrelado.  
 Raia de gloria Endimião buscando. (h)

10.

Como a lufá aparece  
 De ferventes éstrelas marxetada!  
 O melro soubrozo  
 C'o rouxiãool contende,  
 E apenas esta voz perturba agora  
 O silencio , em que dorme a Natureza.

II.

Lá se yáe divizando  
Espaçozo Castelo derrocado,  
Já de musgo coberto,  
Nas remotas idades  
Aqui, onde oje vés ameno prado,  
Correu de teus Avós o eróico sangue

12.

Além alveja o campo,  
E os osos dos que á seculos vivêrão  
Erguem montes de neve;  
Parece que se escuta  
O clamor dos feridos, e o relinxo  
Do fogozo, beligero ginete.

13.

Oh Tempo! Eu reconheço  
Teu sêlo impreso nestes monumentos, (i)  
E eu te vejo em silencio, (j)  
Sentado entre ruinas,  
Demolindo Persepolis, Cartágo,  
Tébas, e Menfis, Tiro, e Babilonia.

14.

Aproveita os instantes :  
O tempo , a vida foge , e a morte xega ; (l)  
A vindá não lhe impede  
A fresca mocidade ;  
Piza com paso igual , derruba , talha ,  
Soberbos torreões , pobres xoupanas ; (m)

15.

Só fugiráõ á morte  
Almos prazeres d'antemão gozados : (n)  
Desfruta a Primavera ;  
E se acazo algum dia  
Te lembrar , que aqui vivo , ah ! toma a pena ,  
Suprão as letras de um amigo a falta.

16.

Não de outra sorte Ovidio ,  
Sotoposto ás estrelas , que Netuno  
Jámais em si banhára , (o)  
Os amigos saudava.  
Arte divina , dadiva celeste ,  
Falas aos olhbs , á nosa alma pintas ! (p)



Mas se a minha lembrança  
 Excitar em tua alma a dôr , o pranto ;  
 Esquece-me de todo ;  
 Eis meus únicos votos :  
 Eu antes quero , que de mim te esqueças ,  
 Que sintas um momento , o que é saudade ?



(a) Alguns Escritores dizem , que o Mundo foi creado na Primavera. Esta idéa , por ser mais poetica , a adotarão os Poetas , por cujo motivo se compara á Primavera a primeira idade do homem. *Milton. Paraizo Perd. C. 7. Virg. Georg. 2. v. 336 e segg.*

(b) *Thompson Poema das Estações Cant. 1.*

(c) *Gessner* chama a Primavera manhã formosa do ano.

(d) O mesmo *Gessner* inimitavel pintor da Natureza.

(e) *Orat. L. 2. Od. 13. v. 4 — 5.*

(f) *Id. L. 2. Od. 6. v. 3 — 4.*

(g) *Diogo Bernardes*, excelente Poeta , natural de Ponte de Lima.

(h) Pastor a quem Diana amava , e procurava entre as sombras da noite.

(i) *Mr. Thomas Ode sur le Temps. Strof. 5.*

(j) Certo viajante sendo perguntado por *Marmontel* a respeito do que vira na Grecia dos seus antigos monumentos: — *Eu vi o Tempo, que demolia tudo em silencio.*

(l) *Orat. L. 2. Od. II. v. 1 — 2.*

(m) *Id. L. 1. Od. 4. v. 13 — 14.*

(n) Quantos pomos colheres precavido  
Na florente estação, terás de menos,  
Que lastimar roubados no avarento  
Quartel da extrema vida.

*Filinto Elisio.*

(o) *Suppositum stellis unquam tangentibus equor.*

*Ovidio Trist. L. 1.*

(p) Expressão de *la Bruyère*, falando d'arte da escrita.

## O D E.

### *A' morte de Napoleão Buonaparte.*

---

*Ce qu'il eut de mortel s'éclipse à notre vue :  
Mais de ses actions le visible flambeau,  
Son nom, sa renommée en cent lieux répandue  
Triomphent du tombeau.*

J. B. ROUSSEAU. L. 2. Od. 10:

---

**N**Ações do Mundo, parabens ! é tempo,  
Volte de novo ao rosto a côr perdida:  
Reis da França, subi já sem receio  
Ao mal seguro trono.

Morreu Napoleão, raio da guerra,  
Que calcou dos Bourbons o antigo asento ;  
Cujo nome inda mais, que os seus triunfos,  
Asombrou o Universo.

*2. inconsequente bonacheira!*

Mil vezes o cingiu de eterno loiro  
Em marcia lide prospera vitoria ;  
Gena, Austerlitz, Marengo, inda fumeção,  
Rios de sangue correm.

Tudo foi, tudo fez, não sendo nada :  
Viu em monte á seus pés crôas, e cetros,  
E a Patria dos Catões, Sipiões, Marcelos,  
Sucumbiu ao seu braço.

Já não vive : seu corpo em breve é cinza :  
Mas seu nome, voando além dos tempos,  
Inda fará tremer, gelar de susto,  
As idades vindouras.

Exulta, ó Albião ! Mas, ah ! receia,  
Que o filho deste Eróe, crescendo a idade,  
Para vingar seu Páe não te reduza  
Em pouco tempo á cinzas.

---

 O D E.

*A' um Rouxinol.*

**Q**ue suave, que angelica armonia  
 De tremulo raminho  
 Derramas, Filoméla, inda queixoza  
 Da tua desventura !  
 Quanto é grato, que toda a Natureza  
 Por ouvir-te, emudeça,  
 E que a terra de flores se matize !  
 Não vês como nos xôpos  
 O brando pintasirgo, o doce melro,  
 Suspende a voz sonora,  
 Para gozar teu canto, que respira  
 Ternura, amor, saudade ?  
 O mesmo caçador mais desumano  
 Não se atreve a ofender-te,  
 E se acazo o pertende, a ouvir teus inos,  
 Rompe as sétas, e o arco.  
 Canta, ó doce avezinha, as almas prende,  
 As almas arreбата ;

**E se a melga Tircéa por ouvir-te**  
    **Buscar este retiro ,**  
**Redobra o teu trinado , o teu gorgeio ;**  
    **Mas se ela, estimulada**  
**De te ouvir , desatar a voz celeste ,**  
    **A voz encantadora ,**  
**Silencio ! escuta ; aprende ; é mais suave**  
    **A sua voz , que a tua.**



O D E.

*Ao Senhor Manoel Odorico Mendes.*

JÁ' do gelado Norte,  
Caro Odorico, o procelozo Inverno  
Deixa as negras cavernas,  
Sacudindo das azas gotejantes  
Saltão granizo, e gelo.  
Tremem de ve-lo os álamos frondozos,  
E os écos asustados  
C'o fragôr do trovão, em quanto aceza  
Eletrica faisca  
A'ra o campo do Ceo, que a noite enluta,  
Alongão o bramido  
De monte á monte nos crestados campos.  
Corre turvo o Mondego,  
E ao Nauta, que demanda incultas praias,  
Que malfadou Colómbo,  
Ora se antolha Uranio, ora se antolhão  
Os Paços de Amfitrite  
No imenso leito das ceruleas ondas.  
Oh! mil vezes ditozo

O Sabio , que asentado ao lar , que acende  
C'os poucos sécos molhos ,  
Que ali juntára de podadas vides ,  
As frias mãos aquece !  
Vê junto a si os rotos , caros filhos  
Em derredor sentados ,  
Ou já lhes pinta da virtude as graças ,  
Ou lhes afeia o vicio :  
Sofre contínua mísera penuria ;  
« Mas sã conserva a mente : »  
Não teme Radamanto , nem lhe asusta  
O vulto do tirano.  
Asim eu vejo Coridon sentado  
As lagrimas limpando ,  
Que em rios banhão a enrugada face ;



O D E.

*Ao Senhor Jozé Francisco de Paula.*

NÃO sei quando o meu Fado rigoroso,  
Cansado de affligir-me, á-de algum dia  
Outorgar-me viver, longe de intrigas,  
De ti, meu Paula, ao lado:

Ver unidos dous seres, que a desgraça  
Desune, a meu pezar, e o Ceo unira,  
Poder cantar teu nome reclinado  
A' sombra do ingazeiro:

Gozar o Ceo do Mundo, e venturozo  
A's magoas, aos queixumes dar as costas,  
E d'alvas baguaris cingindo a frente,  
Brincarmos, divertirmos,

Embora entã o Inglez Americano  
Povoe o mar de asustadoras quilhas,  
Quebre as cadeas ao terrivel Corso,  
Que gemê em Santa Elena.

A enxuto paso trilhe o Ruso forte  
O Wistula, o Danubio: que me importa?  
Tranquillos ambos, para nós o Mundo  
É um ser metafizico.

Senhores de nós mesmos, e de tudo,  
Pois nada dezejamos, mais Senhores,  
Os Monarcas, que regem o Universo,  
Não serão mais ditozos.

Que facil é sonhar felicidades!  
Já me cria á teu lado; já me cria  
Com um Ceo entranhado dentro d'alma,  
D'alma, que te ama tanto.

Porém mudou-se a cena; e eu só me vejo  
Pelas sétas da angustia traspasado,  
Umas traz outras, que as mal sãs feridas  
Reabrem, reverdecem.

Ditozo Aquiles por cantar-te Oméro!  
E mais ditozo ainda porque unido:  
Viveste com Patróclo, até que a Parca  
O fio-lhe rompese.

Que doçuras gozaste nos deis anos,  
Em que, de Agamenon fugindo á vista,  
Dormias á seu lado, e á seu lado  
Te erguias alto dia!

Quem me dera gozar de igual ventura!  
Dera por ela a vida, eu a alma dera,  
Dera... porém, que Nume inexoravel  
Me malfadon no berço!

Que presta a vida de um amigo suzente,  
De um amigo, que é vida, é alma dela?  
Ceos! ou dai-me este amigo, ou dai-me a morte,  
Se a morte acaba tudo.

## O D E.

*Ao Senhor Antonio Joaquim de Melo*

**O**Utr'ora , Aonio , quando o Cintio Nume  
A seticorde lira me afinava ,  
Soltando a voz em não somenos cantos ,  
Dei claro nome á Patria.

Do bravo Enrique o não umano esforço ,  
A' Patria prestadío , alcei ao Templo ,  
Onde brilhão Eróes , que o divo Oméro  
Cantou com voz sonora.

Do illustre Camarão , do grão Negreiros,  
Roubei o nome ao deslebrado Letes  
A virtude cantei , esa virtude ,  
Que já não tem altares.

Da branca Buguarí encantos meigos ,  
Que Melizo gozou cantei outr'ora ,  
A quem Jove mudára em flor mimoza ,  
E em beijaflor o amante.

Cantei o dia , em que , rompendo os ferros ,  
Que o barbaro Olandez lançára á Patria ,  
O Brazilio valor cingiu na frente  
O loiro da vitoria.

Porém agora , que o prazer me despe ,  
Já não atino com as cordas d'oiro ;  
Das mãos me cáe o desleixado pletro ,  
E a mente se enoitece.

Qual nas florestas o leão já velho  
Do orelhudo animal escoiceado  
Que ergue a cabeça ; porém já não póde  
Dar-lhe a farpada garra.

## O D E.

*Aos anos de um Amigo.*

**C**omeces, caro amigo,  
Com agoiro feliz teus novos anos;  
E o Ceo (se acazo escuta  
O meu piedozo rôgo)  
De gosto os brilhante.

Escapa a nosa vida;  
Ah! Jonio, o tempo foge: apoz seu carro  
Voão nosos prazeres,  
E o palido Caronte  
Cedo nos mostra a barca.

Desta vida os instantes  
Nos braços da amizade os aproveita;  
Pois só no seu regaço  
Podem da vida os males  
Tornar-se um leituário.

*Am*



O D E.

*Ao R. Senhor Francisco José Tavares  
Gama.*

~~~~~  
*Non omnia possumus omnes.*  
~~~~~

**Í**mpavido o Quintéla, ó caro amigo,  
Do liquido elemento o campo sulque;  
Confie o maior bem de um tosco lenho  
A' descrição dos ventos.

Do ceruleo, volúvel Oceano  
Em fòfos escarcéos o mar branqueje,  
Fremão de um lado, e d'outro as negras ondas  
Dos Euros açoitadas.

Na apinhoadá enxarcia o rijo Notó  
Silve desenfreado, orrivel brama;  
O mizero baixel conduza, e leve  
A's regiões etérias.

« De orrenda cerração croada a noite ,  
Vôe o rouco trovão de Pólo á Pólo ;  
Inflamada nos ares relampeje  
Eletrica faisca.

Nada asusta , meu Gama , nada afronta ,  
A constancia do Gama , e do Colombo ;  
E nem d'outros Eróes , que em toda a idade  
Ao Tempo se esquivarão.

Mas de um Vate , meu Gama , acostumado  
Só do Permeso á placida corrente ,  
Do Gnidio Nume ás magicas delicias ,  
Afronta , abate , e doma.

A' vista do Conicio Ateniense  
Mostra o Grego Orador constancia rara ;  
Foge no campo á vista das falanges  
Do perfido Filipe.

Todos não são Tirteus , Camões , Bernardes ,  
Que , a espada n'uma mão , e n'outra a pena ,  
Triunfando no campo de Mavorte ,  
Cantavão seu triunfo.

Tanto exaltou a Grecia o divo Oméro ,  
O filho de Peleu ao Ceo levando ,  
Como o grande Alcibiades afoito  
A' testa dos combates.



Por diversas veredas se encaminhão  
Ao Templo da Memoria os Genios claros ;  
Segue Paulo os vestigios de Mavorte ;  
Camões os de Virgilio.

Se em mim não á valor, não á constancia  
Para em fraco baixel, tosco madeiro,  
Domar do Oceano as rispidas procelas,  
As carrancudas vagas :

Poso adornar de loiro a nivea fronte ;  
E, ferindo gostozo a branda hira,  
Roubar teu nome illustre, ó caro Gama,  
A's mãos do esquecimento.

## O D E.

*Tradução da Ode 3 do Livro 4 de Oracis.*

**A** Quele, a quem, Melpomene, tu vires  
Uma só vez c'os olhos tens benignos,  
Não se fará illustre nos combates,  
Nos jogos de Corinto.

Nem o veloz ginete em leve carro,  
Mais ligeiro, que o mesmo pensamento,  
Pelas praças da Acaia venturoza  
O levarão triunfante.

Nem de loiro cingido ao Capitolio  
Subirá vencedor tendo sugeito  
O orgulho ameaçador dos Reis soberbos  
No campo de Mavorte.

Porém nas margens de sonóra fonte,  
A' sombra fresca de álamos copados,  
Fará seu nome aos évos sobranceiro  
Nos Liricos Poemas.

Senhora do Universo a Augusta Roma  
Entre os Liricos Vates me numéra ;  
Já debalde morder-me agora intenta  
A desditoza inveja.

O' Muzã , que tempéras os acordes  
Da branda lira , em que Orion pulsava !  
Que podes dar , querendo , aos mudos peixes  
A grata voz do Cisne !

Tu fazes , que os Romanos me decantem  
Feliz imitador do Argivo Cisne ;  
Se inda vivo , se agrada a minha lira ,  
Tudo é dadiva tua.

---

## O D E.

*Ao Senhor Jozé Francisco Toledo.*

**T**Oledo caro , o despido inverno ,  
Filho da Noite , pavorozo xega ;  
Sacode as azas , calvejar começãõ  
Os altos montes.

Trovão medonho , que as montanhas movê ,  
De quando em quando repentino sôa ;  
Fendendo os cumes , derrubando as faias ,  
Fuzila o raio.

Transcende o rio as dilatadas margens ;  
O môxo pia no escondido xôpo ;  
D'altas montanhas susurrando decem  
Largas torrentes.

Balando affito o temerozo gado ,  
Todo se encolhe , se arripia todo ;  
Geme saudoza no intrincado bosque  
Tímida rôla.

Fiel Toledo, que estação penoza!  
Comigo geme a Natureza em luto:  
Longe da Patria, dos amigos longe,  
Que presta a vida?

Neste sepulcro da existencia triste,  
Onde me falta até do Ceo o abrigo,  
Sómente espero ter prazer um dia  
Na sepultura.

---

O D E.

*Ao Senhor Manoel Carlos Velozo.*

**N**em sempre dura o carrancudo Inverno,  
Nem os Alpines montes  
Se vêm cobertos de crestante géllo.  
Nem sempre a Estação bela  
Disparge flores, avigora os entes,  
E o pomífero Outono  
Mimozos frutos nos arbustos cria.  
Nem sempre, das Eolias  
Cavernas soltos, Aquilões, e Notos  
Aos tristes navegantes  
Sustos motivão, tempestades cauzão:  
Só tu, caro Velozo,  
A's-de sempre xorar a infausta morte  
De teu Páe estimavel,  
Teu amigo fiel, que dezatado  
Da materia corruta  
Além dos Astros gloriozo vive?  
Basta de pranto, amigo;

Par morrer sómente é que se vivê ;  
Que se goza da vida ;  
Sem morrer se não vive eternamente.  
Tudo o que existe morré ;  
Avemos todos nós na imunda Barca ,  
Na Barca de Caronte ,  
Sulcar o lago placido , e limozo :  
Todos nós igualmente  
Avemos suportar o golpe duro  
Do ensanguentado alfange:  
O-Monarca no trono sublimado ,  
O Pastor na xoupana ,  
Ao mesmo tempo o negro braço corta.  
Basta de pranto , amigo ;  
Alegra-te , Velozo , e com a lira ,  
Que te cedeu Apolo ,  
Eterniza os Eróes , que sepultados  
No esquecimento jazem.

---

ODÈS ANACREONTICAS.

O D E I.<sup>a</sup>

*O GALO DE CAMPINA.*

---

*Sigo teus vóos,  
Genio divino,  
Cantor da Gloria,  
Sonoro Elpino.*

---

**C**ampino Galo,  
De garbo xeio,  
No prado vòa  
De amar contente;  
Orna-lhe a frente  
Vermelha cròa.

Ave tão bela  
Não viu ninguem!



Colar purpúreo  
Lhe adorna o peito;  
Quando ele entôa  
Doces amores ,  
Por entre as flores  
A voz rezôa.

Ave tão bela  
Não viu ninguém.

## O D E 2.<sup>a</sup>

### O X E X É O.

**X**Exéo engraçado,  
Gentil mangador,  
Das aves Brazilias  
O encanto, e a flor.  
Quem póde igualar-te  
Mimozo Cantor!

Orféu sonoroza  
Asim não cantava,  
Quando a Esposa bela  
Do Erébro xamava,  
E as mágoas em cantos  
De amor transformava.

Das aves imitas  
O vario gorgeio,  
No canto suave  
De armonia xeio;  
Dos omens, dos Numez  
Es doce recreio.

**Adorna teu corpo.  
Negraloira còr,  
Teu canto respira  
Ternura, e amor.  
Quem póde igualar-te  
Mimozo Cantor!**

---

O D E 3.<sup>a</sup>

*O PONXE DE CAJUA*

**D**O loiro cajú,  
Analia, bebamos  
O ponxe gostozo,  
Que aviva o prazer;  
Mais grato, que a ambrozia,  
Que Jove no Olimpo  
Se apraz de beber.

Oh! como é formozo  
O pomo suave  
Ao xeiro, ao padar!  
Se pomos tão belos  
Atlanta gozára,  
Os d'oiro deixando,  
Nem quizera ve-los.

**Triunfe Alexandre**  
**No róxo Oriente,**  
**Que Baco domou:**  
**Deixa-lo vencer;**  
**Analia, eu só quero,**  
**O ponxe agridoce,**  
**Comtigo beber.**

---

O D E 4.<sup>a</sup>

**N**ada tenho, nada quero;  
Vivo alegre, e satisfeito;  
A ambição, Marília bela,  
Jámais entrou no meu peito  
Um Poeta não dezeja  
Ir buscar em cavô lenho,  
Afanozo, e deligente,  
As pérolas do Oriente.

Tenho a lira encantadora  
Do sonoro Anacreonte,  
Com ela teu nome canto  
Quer no prado, quer no monte,  
Em teu seio reclinado  
Paso a noite, paso o dia.  
Quem tanto póde alcançar,  
Que mais tem, que dezejar?

CANTATA 1.<sup>a</sup>*Ao Natal.*

**A** Estrela do Oriente,  
 Dos Astros flamejantes o luzeiro,  
 Rompe da noite o denegrado manto.  
     Dós álamos copados  
     Alticadentes aves,  
 Xeias de gosto , de alegria xeias ,  
 Sonoros cantos de prazer então.  
 Rompem os ares as cadentes vozes ,  
     E ao claro Firmamento  
 Qual fumo sobem de xeirozo incenso.  
 As Pastoras gentís , gentís Serranas,  
 Com mimosos festões de brancas flores,  
     E vermelhas tecidos ,  
 Os arbustos enlação , que florecem ;  
     E c'as belas Nereides ,  
 Que adornadas de conxas diferentes  
     Na côr , e na beleza ,  
 Do argento salso a abitação deixarão ,

H

O dia festejando, alegres cantão.  
 Das ovelhas .ôs candidos rebanhos  
 Alegres brincão pelo prado ameno  
     C'os lobos seqúiozos.  
 Tudo anuncia já, que tem xegado  
     O apetecido Infante,  
 Que vem quebrar os ferros, que nos prendem  
     A' escravidão da culpa;  
 Ter já nacido o Principe da Gloria  
     Das Nações dezejado,  
 O Rei do Reis, Libertador do Mundo.  
 Glorias, á Deos no Ceo, o Ceo tribute;  
 A paz seja na terra aos omens dada.  
 Xegou a luz, que as trevas alumia,  
     Que o Ceo aformozêa;  
 O Infante prometido aos Patriarcas  
     Desde os primeiros tempos.  
 O Cordeiro de Deos, Verbo Divino,  
 De uma Virgem naceu, comnosco abita;  
 Nós sua gloria vimos semelhante  
     Do Eterno Padrê á gloria.  
 Brillhantes Legiões de alados Genios,  
     Em quanto além dos Astros  
 Uns decantão o Páe, na terra o Filho  
     Outras alegres cantão;  
     E ao som melodiozo  
     Dos tímpanos, e córos



- Deste modo aos Pastores annunciã  
Do seu Rei a xegada.
- « Vinde, ó Pastores, a Belém ditoza  
« Ver em toscó presépe
- « O DEOS, á cujo aceno o Mundo treme,  
« Para os omens nacido,  
« Oje principio leve
- « A mágoa de Satán, a gloria vosã,  
« A mágoa de Satán, que sobre o trôno,  
« A' que servem de baze os vicios torpes,  
« Cingida a fronte da feroz soberba,  
« Irado, enfurecido,
- « Freme, ancêã, delira, espûma, e brame,  
« E viboras de fogo
- « Lança da bôca de veneno farta,  
« O trôno balancêã,  
« E o Averno preságo
- « Da inevitavel, proxima ruina,  
« Treme todo asustado:
- « Brame do Averno a reprobã catervã,  
« E os medonhos bramidos
- « Pelas cavernas orridas retumbão.
- « Vinde, ó Pastores, ínos modulando  
« Ao dezejãdo Infante,  
« Prólé do DEOS Eterno.
- « Xegou em fim o dia abençoado,  
« Por quem tanto os antigos suspiravão:

« Cantemos ao Senhor um novo Cântico,  
« E além dos Astros nosos cantos voem.  
« Sejas festivo dia em todo o tempo,  
« Dos felices mortaes bemdito sempre.  
« Oh felices umanos!  
« Oh bondade sem par de um DEOS imenso ! »  
E tu, Jeruzalem ditoza, e bela,  
    Que gemes oprimida  
Com as correntes vis, que te subjugão,  
    Que o cólo te comprimem,  
Acorda, acorda do pezado sono,  
    Em que estás sepultada ;  
É tempo de romper esas cadêas  
    De injuria, e de desdoiro.  
Levanta-te do pó, que te enegrece ;  
Toma os teus ornamentos de alegria,  
    E do teu peito affito  
Em jubilo se mude a mágoa, a pena.  
É xegadó o teu Rei, o DEOS Eterno,  
    Que vem a libertar-te.  
Vem de candidas vestes adornada  
A engraçada Belém, onde nacido  
    Respira o doce Infante.  
    Arabicos incensos  
Queima em torno ao presépe, e o denso fumo  
Do Eterno Páe ao Solio flamejante,  
    Rompendo os ares, xegue.

**O teu Libertador** aplaude, e canta,  
**Ao canto** angelical teu canto unindo;  
E de jasmims, e rozas,  
**O ditozo** prezepe enfeita, esmalta,  
Em quanto ao som da lira  
Este ino alegre canto.

**O DEOS do Universo**  
**Potente Senhor**  
**Naceu oje umano**  
**Pelo noso amor.**

**Tomando de servo**  
**Umilde figura,**  
**Vem da creatura**  
**Ser Libertador.**

---

CANTATA 2.<sup>a</sup>

*A' Resurreição.*

---

*Surrexit.*

MARC. C. 16. v. 6.

---

**Q**ue alegria, que gloria te reveste  
Jeruzalem formosa ! Que brilhante,  
Rompendo as densas nuvens congregadas,  
Em rózea nuvem, que seu carro doira,  
**A Aurora**, percorrendo ao sol nitente,  
Se mostra alegre e bela !  
A meiga Natureza,  
Té gora em luto envolta,  
Rizonha me aparece.  
**Porém**, oh Ceos ! que vejo ! que mancebo  
Em nuvem matutina  
Se apresenta á meus olhos ! A madeixa  
É como a lâ nevada : (a) xamejantes

---

(a) *Apocalipse. C. 1. v. 14*

**São os olhos formozos : (a)**

**O seu rosto de gloria radiante,  
Fulge, qual no apogeu resplandecente**

**O intonso Delio brilha. (b)**

**Igualão ao metal seus pés luzidos : (c)**

**Um luminoso véo seu corpo encobre :**

**« De alados Genios candida falange »**

**Incensos lhe oferece.**

**Es tu, JESUS, tu es o triunfante,**

**Que, levando cativo o cativoiro,**

**Venceste a negra morte,**

**A morte, que amedronta**

**Os mízeros humanos, que atrevida**

**O culto levantára.**

**Triunfaste, JESUS, dese tirano,**

**Que em medonhas, estridulas correntes**

**Prendia os filhos de Eva enganadora.**

**Salve, dia de paz, dia de gosto,**

**Pelos antigos Vates prometido!**

**Dia, em que as antigas profecias**

**Tiverão cumprimento; alegre dia**

**Dos velhos Patriarcas suspirado.**

---

(a) *Apocalipse. C. 1. v. 14.*

(b) *Id. ibid. v. 16.*

(c) *Id. ibid. v. 15.*

Curvemô-nos, Mortaes, ouçamos todos  
Os versos, que modulão  
Os Anjos, que do Ceo em turma decem.

Alegre-se a terra,  
Suspenda o seu pranto,  
Jezus, noso encanto,  
Ficou vencedor.

Venceu com a força  
Do braço potente  
A Parca insolente,  
Que infunde pavor.

Alcançou vitoria  
Do cruel tirano,  
Que xora seu dano  
No cáos de orror.

Levando cativo  
O vil cativeiro,  
Foi do Mundo inteiro  
O Libertador.

Alegre-se a terra,  
Suspenda o seu pranto,  
Jezus, noso encanto,  
Ficou vencedor;

---

# DITIRAMBO I.

*Ao Senhor Francisco Carneiro Maxado  
Rios.*

---

*Nunc est bibendum, nunc pede libero  
Pulsanda telus . . . .*

HORAT.

---

**É** Tempo de beber, caro Fileno,  
O doce nétar,  
Que nos lagares  
Aferrolhado,  
Era guardado  
Para este dia.

Vem, meu Fileno, bebamos rapidos  
O doce netar, o mosto rubido,  
Que os velhos frigidos  
Avigóra,  
Restaura,  
Córa

**As engilhadas, amarelas faces.**

Peían ! .. Evoé ! ..  
Teu doce mosto ,  
Licôr sagrado  
Venha doirar-nos  
Tão fausto dia.  
Báco ! Báco ! Evoé !  
Bebamos , Fileno ;  
As taças formozas  
De verdes pampanos ,  
Da rama Báquica ,  
Adornadas ,  
Xeias de ambrozia  
Na meza estão .

Evoe !

Empina , meu Fileno , as taças d'ouro  
Neste dia á teus anos consagrado ,

Que as Parcas fíem  
Sonóros anos .  
Os Rizos , Agrados ,  
Mimozos Amores ,  
Crosdòs de flores  
Em torno das taças  
Estão adejando ,  
E o nétar libando ,  
Que eu libo também .

Evoé !

Bebamos , Fileno ,



O licôr saudavel ,  
Que os corações  
Alegra ;

**Que sufoca a tristeza , que os oprime ;**

O rubí gostozo ,  
Que graças inspira.  
Bebamos , Fileno ;  
« O noso Universo ,  
« Não pasa d'aqui. »

**Mas , Fileno , que sinto !  
Falta-me a terra ! . .**

**O tétó dança ! . . danção as paredes ! . .**

Minha cabeça rodêa ! . .

**Cambaleio ! . . Lieu , Lieu , acode**

Ao candido Vate ,  
Que aflito baquêa  
Na rubída véa  
Do grato licôr.

---

 DITIRAMBO II.

**B**A'co ! é tempo : xegou a Primavera ;  
 Remoça a Natureza ;  
 Mas a sua beleza  
 O que será sem ti ?

Eia , ó mancebo , traze-me rapido ,  
 Lesto , presto , e represto ,  
 Esa clara botelha ,

Em que outr'ora bebeu Anacreonte.  
 Como a vista deleita !  
 Como embriaga o xeiro !

Einda á quem diga , que o suave mosto  
 Faz mal á gente ?

**B**áco ! Báco ! E que fazes ?  
**L**evanta o tirso , enxota eses malvados ,  
 Que o teu licôr desdenhão.  
 Não se lembrão do incauto ,  
 Que em ave transformaste.  
 Mancebo , não te esqueças ,  
 Traz-me croas de rozas ,  
**N**ão desas ... não sei d'onde ; mas daquelas ,  
 Que cingião o velho ,

O velho . . . bem me entendes.

**Eia**, ó Bácio, lá váe: viva o mancebo

**A** quem a velhice cruel, rabujenta,

Jámais atacou.

Mas que som me soou

**A'** dextra orelha? . . . Ele parece guerra;

Parece . . . lá se avenhão.

**Bácio** é meu Nume, Bácio me defende.

Vá mais esta botelha

Ora á saude disto.

**Nosa** vida é tão curta, que me importa

Com o que váe no Mundo?

**Eu** não sou Rei, nem Duque, nem Morgado,

Nem Geral dos Bernardos.

**Vem**, meu Bácio, embriaga-me este peito.

Belo! Estou ja contente.

**Venha** agora quem fôr, nem Carlos Magno,

Com esa Caterva de Pares famosos,

**Nem** Ferragús, nem Ferrabrás, nem D. Quixote,

Nem o Diabo mesmo

Póde agora comigo.

**Bácio**, quanto te devo!

**Bácio!** **Bácio!** Evoé!

**Lieu!** **Lieu!** **Litileu!**

**Evan!** **Evan!** **Basaren!**

**Peian!** **Peian!** **Saboé!**

**Que** doce, que grato

Não é á um Poeta,  
Ter a Baco por socio, e por amigo !  
Diga-o por mim Elpino.  
Eu não quero mais nada ;  
Seja Rei quem quizer : eu tenho cróas  
De rozas, e de parras : tenho cetro  
De frondifero tirso.  
Tudo o mais não me imperta, eu sou quem sou ;  
Sou eu mesmo.  
Graças á ti, ó Baco !  
Mancebo, ainda é preciso, que eu te diga ?  
Tu não vês as botelhas esgotadas ?  
Trazo do generoso,  
Saltante, espumozo,  
Quero fartar esta alma Báquicúpida ;  
Quero morrer bebendo ;  
Antes assim morrer, que de uma bala,  
Como morreu Turana ;  
Foi Eróe, foi guerreiro muito embora,  
Que pela alma lhe preste.  
Quanto a mim mais feliz, mais venerando  
Foste, illustre Valverde, ó Genio raro,  
Que acabaste entre copos, e botelhas ;  
Que viveste contente, e apóz a morte  
Das pétas o Cantor cantou-te a vida. (a)

---

(a) José Daniel R. C., assim chamado por Bocage.

---

**I D I L I O .**

**V**em, minha lira, vem carpir os males  
De um triste, que suspira disterrado ;  
Vem, sonoro instrumento, já que a sorte  
Inda me deixa a tua companhia  
No abismo da desgraça, em que baqueio :  
Tu cantavas tambem quando eu cantava,  
Agora gemerás, que eu triste gemo ;  
É tempo de gemer, geme comigo.

**A**gora, que, o seu manto desdobrando,  
A negra Noite a escuridão derrama,  
E os Pastores alegres nas cabanas  
Sobre a rama virênte se reclinão :  
Agora, que o silencio cuidadoso  
Paséa a pé descalso os fundos vales  
Com o dedo na bôca ; é tempo, oh lira !  
É tempo de gemer, geme comigo.

Os noitibos nos bosques escondidos  
De quando em quando solitarios pião ;  
A noturna coruja , que adejando  
Inda mais com seu canto me entristece ;  
A agoreira peitica solitaria ,  
Que do velho engazeiro affita geme ;  
Tudo a gemer , oh lira ! me convida :  
É tempo de gemer , geme comigo .

Eses dias , oh dias ventarozos !  
Em que á sombra do basto cajueiro  
Sonoros ínos , canticos suaves  
Módulemos , oh lira ! (quem disera !)  
Já fugirão de nós , já se pasarão  
« Mais deprésa , que o lume fuzilado ; »  
O tempo de gemer só resta agora :  
É tempo de gemer , geme comigo .

Que importa , que no carro diamantino  
Tão formozo amanheça o claro dia ?  
Que importa vér as nuvens engraçadas ;  
Com quem reparte Fébo o seu luzeiro ?  
Que importa ouvir o canto sonorozo  
Do meigo Rouxinol , do bom Canario ?  
Nada , oh lira ! já póde consolar-nos :  
É tempo de gemer , geme comigo .

Este bosque saudozo, em que vivemos,  
Regarei com meu pranto na esperança  
De que breve ei-de estar na sepultura.  
Mas, oh lira! já brilha o claro Fébo;  
Suspendamos um pouco este lamento,  
Até que volte a pavorosa noite.  
Eu emudeço, oh lira! eu não suspiro...  
Emudece também, geme comigo.

---

IDI LIO.

J O Z I N O , E C L Ó E .

*Jozino.*

**Clóe!** Para que colhes com tanto cuidado estas flores ainda orvalhadas do fresco rocio da madrugada? Que urgente cuidado te obrigou a deixar tão cedo a cabana, que, quando o galo velador despertava o seu rebanho, já tu avias saído? Mas, Clóe! tu xoras?..

*Clóe.*

**Jozino!** meu caro irmão! Tu ignoras por ventura, que oje fazem dois anos, que o Ceo nos roubou nosa Mãe? Ah! e que Mãe, meu caro irmão! Eu vim colher estas flores para cobrir a sua sepultura.

*Jozino.*

**Ah!** minha amada Clóe! E quando virá um dia, em que eu me não recorde desa Mãe, que tanto



me amava , e que só se alegrava quando tam-  
 bem nos via alegres? Não te lembras , Clóe ,  
 daquele dia , em que eu vim triste para a Ca-  
 bana , por ter perdido o premio na contenda  
 do canto com Titiro ! Quanto se affligiu ella !  
 Quantos meios buscou para me alegrar ! E averá  
 no Mundo uma conza tão doce como uma Mãe ,  
 ó minha Clóe ! Não é por certo tão agradavel a  
 fresca sombra ao caminhante fatigado , nem a  
 pura fonte ao segador sequiozo na maior cal-  
 ma do Estio . Eu tambem sai mais cedo por  
 vir derramar sobre a sua sepultura um tarro  
 de branco leite .

*Clóe.*

*Eia , Jozino , vamos . (Caminhão ambos mudos ,  
 e regando ao sepulcro , se prostrão banhados  
 em lagrimas , e pasado algum tempo diz :)*

*Jozino.*

Eu vos saúdo , ó caras cinzas da melhor das Mães !  
 Eu vos saúdo , preciozos restos de uma creatura ,  
 á quem , depois da Suprema Divindade , eu mais  
 amei sobre a terra ! Ah ! se ainda assim podeis  
 ouvir-me , ó minha Mãe ! acceitai estas lagri-  
 mas , que derrama sobre a vosa sepultura um  
 filho saudoso , e reconhecido .

*Cloé.*

O minha Mãe! O minha melhor amiga! recebei  
 as lagrimas, e ternos suspiros da vosa Cloé!  
 Ah! se ainda me amais, não as desprezareis  
 por certo.

*Jozino.*

Verdés álamos, tristes, e sombrios ciprestes, que  
 rodeais este lugar sagrado, ah! quanto sois fe-  
 lices, pois que dais sombra ás cinzas do Justo!  
 O Inverno não posa despojar-vos da verde ra-  
 magem, que vos adorna; o raio não se atreva  
 a ferir-vos.

*Cloé.*

Cedros! ditozos Cedros! O fresco orvalho da  
 Aurora penetre as vosas raizes, para que façais  
 este lugar ainda mais sombrio, e respeitá-  
 vel. Não temais os golpes do ferro. O Ceo vos  
 defenderá, porque cobris a sepultura da me-  
 lhor das Mães.

*Jozino.*

Quanto é bom ser Justo! Quanto é feliz a sua  
 vida, e quanto é ditozia a sua morte! A sua  
 vida é uma contínua Primavera; e a sua morte  
 uma bela manhã do Estio sem nuvens. Nenhum  
 desgostos perturbão a sua vida, assim como ne-

nhuns sustos horrorizão a sua morte. Este é o teu retrato, ó minha Mãe!

*Clóe.*

Como corrião pacificamente os teus dias, em quanto o Ceo nos quiz dar a consolação de possuir-te, ó minha Mãe! O Ceo abençoava o teu pequeno rebanho, e jámais te faltou o campo com uma colheita sufficiente para nós, e ainda, o que era o teu maior prazer, para socorrer os indigentes. Que lagrimas de alegria não derramavas depois de ter espalhado beneficios no seio da indigencia!

*Jozino.*

Como tenho ainda presente o dia, em que, para socorrer á Filis, tu deste os mesmos frutos, que estavam reservados para o teu alimento! Quantas lagrimas derramaste, ouvindo os suspiros daquella pobre Mãe, que gemia oprimida de dôr, por não ter que dar aos inocentes filhinhos, que lhe pedião tambem com lagrimas o sustento! Quanto é doce o fazer bem! Posão teus filhos imitar-te, ó minha Mãe!

*Clóe.*

Quão triste foi para nosa Aldéa o dia, em que tu morreste, ó minha Mãe! Como um grande nu-

meu de infelizes gemia em torno ao teu leito, e o banhava com lagrimas de verdadeiro reconhecimento, e saudade! Como abençoavão o teu nome, e ainda oje abençoão a tua memoria! O teu sepulcro é respeitado, e os velhos o mostram aos mancebos dizendo com lagrimas: Eis o lugar onde repouzão as cinzas de um Justo: abençoai a sua memoria, ó meus filhos!

*João.*

Recebe, ó minha Mãe! recebe este puro leite mais alvo, que a neve, que eu vazo sobre a tua sepultura; e se lá na morada do Eterno, ainda te movem as afeições terrenas, recebe as minhas lagrimas, e digna-te de abençoar-me.

*Clóe.*

Estas brancas flores, ó minha Mãe! colhidas ao nacer da Aurora, aceita em penhor da minha ternura, e lá desa-morada dos Justos, lança os olhos sobre a tua Clóe.

*Asim falarão os dois inocentes Pastores, e, derramando com lagrimas o leite, e as flores sobre o umilde sepulcro, se retirárão ainda zorando. Posão todos os filhos asemelhar-te, ó par bem-aventurado!*

---

*A leitura do inimitavel Gessner me excitou a compôr este Idílio no seu estilo.*

---

## EPIGRAMAS.

1.

Tua Mãe veio á Roma? (Augusto dise  
A' um mancebo com quem se parecia : )  
Não, minha Mãe não veio ; (o Joven torna ; )  
Porém meu Páe viria.

2.

### *Tradução de Marcial,*

Os versos , que tu recitas ,  
São , ó Fidentino , meus ;  
Mas , como os recitas mal ,  
Principião a ser teus.

3.

Elmiro sè é fraco n'uma ,  
É valente n'outra parte :  
No Campo de Marte é Venus ;  
No Campo de Venus Marte.

4.

Tu dizes , que o meu Poema  
Não podia ser peor ;  
Ele é máu ; eu digo o mesmo ;  
Porém não fazes melhor.

## EPILOGO.

*A' Patria, e aos meus Amigos.*

**P**Atria minha, e de Eróes ! Eis meus Poemas  
 Vão buscar em teu seio acólho, abrigo;  
 No seio em que os cantei, bem que de balde  
 Roubar-mos pretendêra infame Déspota. (a)  
 Aceita-os, Patria ! E neles vê pintado  
 O amor de um filho, que de o ser tem gloria :  
 Recebe cultos : para mim es Nume.  
 Qual fui outr'ora, sou ainda o mesmo.  
 E vós amigos, que lereis meus versos,  
 Aceitai-os tambem : á vós, á Patria,  
 Meus disvelos, meus dias ei votados.  
 Vêde : nos versos meus Eróes já vivem,  
 Eróes, que o Tempo submergiu no Letes.  
 Recebei um penhor do eterno laço,  
 Amigos, que me onrais, que onrais meus versos.

F I M.

---

(a) Este verso tem allusão particular.









014 793 434

This book should  
be returned to the  
Library on or before the date  
stamped below.

A fine is incurred by retention  
beyond the specified time.

Please return promptly.

Return date

**CANCELLED**

LIBRARY

